

O TEMPO E O ESPAÇO E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA¹

Mirza Seabra Toschi

Doutora em Educação
– Unimesp; Professora na
UEG. Anápolis – GO [Brasil]
mirza.seabra@q.cnpq.br

O texto apresenta uma reflexão sobre os conceitos de tempo e espaço. Trabalha com a história do tempo, sua relação com o lugar e o espaço e analisa as dimensões física e imaginária do tempo no presencial e na virtualidade. Apresenta concepções teóricas dos conceitos de tempo e espaço de Giddens, Santos, Harvey, Soveral, Elias, Moraes, Tilburg e os relaciona com a educação a distância (EAD) que, teoricamente, operacionaliza, nos cursos on-line, esses conceitos. Inclui um estudo sobre particularidades da educação a distância, a tipologia de seus materiais, tendo sempre como referência os conceitos de tempo e espaço. Conclui, questionando se esse tipo de educação pode incluir estudantes de qualquer geração e sobre o caráter ainda desvalorizado dessa modalidade educativa.

PALAVRAS-CHAVE: Educação a distância. Espaço. História do tempo.

¹ Parte da tese de doutorado “Formação de professores reflexivos e TV Escola: equívocos e potencialidades em um programa governamental de educação a distância”, defendida, em 2000, na Universidade Metropolitana de Piracicaba/SP.

1 O tempo e o espaço

Tem-se ouvido ultimamente que as categorias de tempo e espaço se alteraram. Mas, mudou o quê? Mudou nossa percepção do tempo ou realmente houve mudança no *cronos*?

Questões dessa natureza aparecem também sobre a virtualidade. Algumas pessoas querem saber onde fica o virtual e qual espaço os textos, imagens e sons ocupam nos computadores e na internet.

Essas questões são próprias da natureza humana, pois somos uma espécie que quer explicações para os fenômenos percebidos. As justificativas já foram religiosas, metafísicas, científicas, esotéricas; enfim, são expressões da razão humana.

O homem já acreditou que a Terra era o centro do Universo e puniu quem pensava o inverso. Depois descobriu que o Sol era o centro, e hoje já se sabe que é apenas uma estrela de quinta grandeza. Apesar de ser o principal componente do Sistema Solar, ele existe junto a milhões de sóis na nossa Galáxia, entre tantas outras galáxias do Universo. O homem ampliou seu saber para além dos planetas e também analisa o micro nas células, cromossomos, cadeia de DNA, átomo, partícula quark... O conhecimento humano vai do macro ao micro.

A cada tempo histórico, o homem vai acumulando conhecimentos e criando questões para responder. Nesse processo de reflexão e observação, o homem produz conhecimentos.

Imagine-se o que significou para o homem saber da redondeza do planeta Terra. Refutando a forma esférica do Planeta Terra, nos séculos XII a XVI, dizia-se:

Há alguém tão extravagante para se persuadir de que há homens que tenham os pés no alto e a cabeça embaixo, que tudo o que está deitado neste país esteja suspenso naquele lá; e que as gramas e as

árvores lá cresçam descendo, e que a chuva e o granizo lá caiam subindo? (RANDLES, apud TILBURG, 1995, p. 198).

São descobertas humanas tão significativas, como a redondeza da Terra, que trazem perplexidade aos homens, como ocorreu nos séculos XII a XVI.

Outro ponto que diferencia as épocas é o conceito de tempo, tema deste texto. Para Heidegger, “[...] o tempo é anterior a toda subjetividade e objetividade porque oferece a condição da própria possibilidade do antes” (apud BRUGGER, 1987, p. 403).

O tempo foi, inicialmente, representado pelos processos cíclicos da natureza depois, por intermédio de uma medição primitiva até que o relógio mecânico mudasse a vida societal. Segundo Elias (1998, p. 153), “[...] à medida que as sociedades humanas tornaram-se mais diferenciadas e mais complexas, elas passaram a precisar de uma regulação temporal cada vez mais exata e sem variações”. O relógio e o calendário têm função reguladora das relações sociais. Woodcock ressalta que o homem ocidental civilizado passa a viver de acordo com as horas marcadas pelo relógio e assevera:

É ele (o relógio) que vai determinar seus movimentos e dificultar suas ações. O relógio transformou o tempo, transformando-o de um processo natural em uma mercadoria que pode ser comprada, vendida e medida como um sabonete ou um punhado de passas de uvas. (Apud ARANHA; MARTINS, 1996, p. 289).

Para o capitalismo, tempo vale dinheiro. Hoje, especialmente, a alta velocidade é apresentada como carro-chefe das agências que oferecem pacotes informativos. “Afinal, tempo é dinheiro – todas elas repetem à exaustão” (MORAES, 1997, p. 27).

Desde o ano 46 a.C., o calendário, na Roma republicana, já era organizado para regular as relações sociais, definir a data das eleições, pagamento

² Dreifus (1996) considera a época atual como a das perplexidades de três processos estonteantes: a globalização financeira e dos modos de produzir, a mundialização dos costumes e a planetarização política. Esses processos ancoram-se na aceleração tecnológica que trazem uma nova formação “tecnoinfossocietária”.

de impostos, aluguéis, dívidas, juros. As reformas pelas quais o calendário passou evidenciam uma crescente desvinculação entre seus símbolos e o que exprimiam, como o movimento do Sol, da Lua, das estrelas. Hoje, o calendário já não é objeto de interesse para o público em geral (ELIAS, 1998).

Na segunda metade do século XX, novas perplexidades², incertezas e os dois componentes da vida societal, tempo e espaço, sofrem transformações. Se as duas dimensões – a virtualidade do tempo e do espaço provocada pelas novas e novíssimas tecnologias – causam perplexidade, analisá-las na educação em geral e na educação a distância, de forma especial, torna-se ainda mais instigante.

2 Tempo e espaço na educação a distância

Discutir o tempo e o espaço na educação a distância implica conceituar termos bem próximos do nosso cotidiano, mas que, ao mesmo tempo, têm significações tão complexas. Significa assumir a discussão do tempo escolar e sua pedagogia.

Conforme o dicionário de filosofia de Brugger (1987, p. 402), o tempo é uma espécie de duração, duração de seres mutáveis. Há um tempo físico e um imaginário. Enquanto o primeiro é uma determinação real das coisas temporais, o tempo imaginário tem duração abstrata, é resultado de um longo processo evolutivo conceitual, é fruto da razão. Não tem princípio nem fim, é unidimensional.

Hoje se vive o tempo das “tecnologias disparadas” (MORAES, 1997, p. 7) em que as informações são imediatas, propiciadas pela alta tecnologia e redes sistêmicas mediante transmissões em tempo real. Segundo Moraes (1997, p. 26), fundou-se um “[...] regime de temporalidade única, assentado na veiculação intermitente de informações.”

A aceleração das transmissões faz desaparecer a separação entre o próximo e o distante. O tempo eletrônico ignora o tempo real. “O tempo veloz é um tempo ultracurto, contraído, em contraposição ao tempo extensivo, das longas durações”, diz Moraes (1997, p. 28). As linhas divisórias entre o aqui e o além dependem do tráfego eletrônico e do horário das programações midiáticas. O tempo fica sem referências, “sem raízes”, completa o autor.

A velocidade tecnológica estabelece uma nova relação entre o tempo e o espaço. O espaço, como territorialidade, se altera. Assim como na tela da televisão, novos espaços invadem a sala de estar e a tecnologia das redes telemáticas acelera a visita a novos espaços, de maneira virtual, entendendo virtual como aquilo que “[...] existe como faculdade, porém sem exercício ou efeito atual” (FERREIRA, s/d, p. 1465).

As transmissões ao vivo, mediadas pela televisão, alteram a percepção do telespectador com o seu tempo-espaço real. Enquanto janta, após um dia de trabalho, assiste ao telejornal, que apresenta na tela outros tempos e outros cenários. O telespectador passa a conviver com diferentes espaços-tempos, simultaneamente.

Atualmente, a aceleração tecnológica, que se materializa na vida social, faz com que nosso tempo interno, imaginário, sofra pressões da vida urbana e o externo tenha maior influência sobre o interno. A regulação do tempo exacerba-se.

A complexidade da temática fez-me buscar vários autores que discutem a questão sob diferentes perspectivas. Apresentarei, brevemente, suas concepções de tempo e espaço e, em seguida, a minha síntese dessas reflexões e sua relação com a educação a distância (EAD).

Para Giddens (1991), a uniformidade de mensuração do tempo, trazida pelo relógio mecânico, levou à padronização mundial dos calendários e desconectou o tempo do espaço, uma vez que antes do relógio, cada região, cada lugar tinham diferentes tempos.

A relação intrínseca entre tempo e espaço existentes antes do aparato tecnológico permanece nas pessoas, quando não há mediação da técnica. É o desenvolvimento das tecnologias que provoca e acentua a separação entre tempo e espaço.

Considera o autor que o “esvaziamento do tempo”, em grande parte, é pré-condição para o esvaziamento do espaço, sobre o qual tem prioridade causal. A coordenação do tempo é a base do controle do espaço.

Giddens (1991, p. 26-27) tem a seguinte compreensão de espaço vazio:

O desenvolvimento de ‘espaço vazio’ pode ser compreendido em termos da separação entre “espaço e lugar”. O lugar se refere ao cenário físico, situado geograficamente, onde acontece a atividade social [...] O que estrutura o local não é apenas o que está presente em cena; a ‘forma visível’ do lugar oculta as relações distantes que determinam sua natureza. (grifos do autor).

Ou seja, a modernidade arranca crescentemente o espaço do lugar. Infiro daí que o espaço é entendido pelo autor com dimensões mais amplas que o lugar. E, assim, tem peculiaridades virtuais, não-visíveis no lugar puro, sem mediação tecnológica. A tecnologia possibilita acessar novos espaços de um mesmo lugar, por exemplo.

A separação entre tempo e espaço é a condição principal do processo de *desencaixe* das instituições, que se refere ao “[...] deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e suas reestruturações através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p. 29). As instituições desencaixadas dilatam amplamente o distanciamento tempo-espaço, por meio de suas dimensões padronizadas, “vazias”, e, para ter efeito, dependem de outra coordenação, de outra recombinação do tempo e do espaço.

Giddens distingue dois tipos de mecanismos de *desencaixe* – “as fichas simbólicas”, como o dinheiro, e os “sistemas peritos” – nos quais, entendo,

podemos incluir o desenvolvimento tecnológico e, nele, as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs).

Giddens (1991) refere-se a sistemas peritos como “[...] sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social que vivemos hoje” (p. 35). Usar o elevador, o carro e o avião significa que o conhecimento especializado neles existente merece a confiança dos usuários. “Se não confio no avião, não entro nele”.

O mecanismo de desencaixe pressupõe e promove a separação entre tempo e espaço como condição do distanciamento tempo-espaço que realiza. “A separação entre o tempo e o espaço [...] tem traços dialéticos” (1991, p. 28), uma vez que fornece as bases para sua recombinação em relação à atividade social. Como reforça Harvey (1992, p. 206), “[...] o tempo e o espaço [...] não podem ser compreendidos independentemente da ação social.”

Milton Santos faz uma análise diferente e contesta a de Giddens. “O meio técnico-científico-informacional é a nova cara do espaço e do tempo”, observa o geógrafo (1997, p. 45). Foi a unicidade das técnicas, isto é, a predominância de um único sistema técnico de Norte a Sul, de Leste a Oeste, que levou à unificação do tempo e do espaço, em termos globais. “O espaço é tornado único, à medida que os lugares se globalizam” (SANTOS, 1997, p. 43). Os lugares se unem porque os momentos convergiram. O que acontece em um lugar pode ser imediatamente comunicado a qualquer outro. Para Santos (1997, p. 49), a instantaneidade da informação globalizada aproxima os lugares, torna possível uma tomada de conhecimento imediata de conhecimentos simultâneos e cria entre lugares e acontecimentos uma relação unitária na escala do mundo.

Milton Santos contesta Virílio, para quem “o espaço terminou”, só existindo o tempo. Para Santos, o espaço não se extinguiu pela aceleração hoje existente, mas mudou de qualidade. Contesta também Giddens quanto à época do tempo e do espaço vazios. Para Santos, ocorre o contrário. Vive-se um tempo

da história em que é possível uma “[...] noção concreta de espaço-mundo e de tempo-mundo, um tempo cheio e um espaço cheio” (1997, p. 41).

A análise de Harvey (1992, p. 265) caminha nessa linha. Para ele, a diminuição das barreiras espaciais não implica o decréscimo da significação do espaço. Há, inclusive, evidências opostas a isso, haja vista como o capitalismo sabe identificar as diferenciações espaciais para poder explorá-las. Segundo o autor, “[...] com a redução das barreiras espaciais, aumenta muito mais a nossa sensibilidade ao que os espaços do mundo contêm” (HARVEY, 1992, p. 265).

Norbert Elias (1998) faz uma análise sócio-histórica e filosófica do tempo, assinalando que as dificuldades que entravam a obtenção de uma teoria consensual do tempo ocorrem em virtude da incapacidade de considerar as funções de orientação e de regulação social do tempo. O mesmo autor observa que é intrigante perceber como a determinação do tempo, por meio de instrumentos exatos, disciplina a estrutura da personalidade humana, que é dotada de uma percepção apuradíssima de tempo, como se fosse uma “segunda natureza” (ELIAS, 1998, p. 11), e esse tempo é aceito como se fizesse parte do destino de todos os homens.

Como se observa, há diferentes e contrastantes abordagens do tempo e do espaço.

Santos fala de unicidade de espaços; Giddens, de separação entre espaço e lugar, mas ambos concordam quanto às mudanças empreendidas na compreensão dos conceitos de espaço e tempo. O tempo instantâneo aproxima os lugares, conforme Santos. Giddens considera que a padronização os separou, o que leva ao desencaixe das instituições.

A análise de Giddens parece mais adequada à análise da EAD, uma vez que o autor mostra que a dilatação do distanciamento espaço-tempo exige dele uma nova recombinação. Essa separação tem traços dialéticos e só pode ser recombinação em relação à atividade social. Nessa linha de análise, considera-se que a EAD se inclui no distanciamento do tempo e do espaço e sua

recombinação depende da atividade social que executa – o ensino – no qual os alunos devem ser os agentes mais ativos.

Tilburg (1995, p. 205) oferece elementos importantes para o estudo do tempo e do espaço na EAD. Ele mostra que, ao “[...] tempo individual (biológico e psicológico), ao tempo coletivo (solar, político, religioso, escolar etc.) e ao tempo físico, (acrescenta-se) o tempo televisivo (a transmissão ao vivo)” que se impõe ao coletivo, mesmo que o telespectador não rompa com seu tempo individual ou coletivo, isto é, pode-se viver diferentes tempos simultaneamente, além do que a vivência do espaço pode-se dar em um determinado lugar, ou, simultaneamente, em espaços virtuais. Por exemplo, de uma casa pode-se acessar virtualmente diferentes espaços. O poder de síntese de diferentes tempos, em que eventos sucessivos são percebidos em conjunto, embora sejam reconhecidos como não-simultâneos, não é uma capacidade inata, mas marcada pela experiência e a aprendizagem, transmitidas de uma geração a outra. Para Brugger (1987), acontecimentos simultâneos são coordenados pelo tempo imaginário.

Como afirma Soveral (1999, p. 8), o tempo das máquinas é acelerado, mas “[...] não aumenta o ritmo existencial porque ele é de outra ordem, não é uniforme e quantitativo como o tempo mecânico.” Esse dado alerta para a importância da dimensão do tempo individual, como mostra Tilburg, em face do tempo das máquinas.

E o espaço-tempo escolar? Como essas transformações se manifestam na escola? Haverá uma crise no espaço-tempo escolar da EAD?

Compreendo que a análise dessa questão na EAD impõe uma nova categoria de espaço-tempo. É o que buscarei propor aqui. Devo salientar que a categorização que apresento é didática, para melhor compreensão do raciocínio, uma vez que as dimensões e aspectos se imbricam mutuamente.

Minha análise incorpora a divisão de Brugger de tempo físico e tempo imaginário. Enquanto no tempo “físico”, real, incluem-se as dimensões coletiva (institucional), cronológica (de medição da ação solar no planeta)

e individual (biológico); no tempo “imaginário”, aparecem o aspecto psicológico da dimensão individual e a dimensão virtual (do não-real), ou seja, o tempo imaginário possui duas dimensões: a individual (aspecto psicológico) e a virtual (não-real).

Em síntese, ficaria assim: “Tempo físico” – dimensões: coletivo (institucional); cronológico (medição solar); individual (biológico) e “Tempo imaginário” – dimensões: individual (psicológico); virtual (não-real).

Tanto a EAD quanto a educação presencial situam-se nos dois tempos, físico e imaginário. Na EAD, porém, há diferenças de ênfases em um ou outro tempo, dependendo do material didático-pedagógico utilizado bem como da concepção que se tem de presencialidade. Primeiro, apresento o presencial da EAD, para então analisar a questão dos materiais.

É possível relacionar o sentido de presença em EAD às duas dimensões do tempo, o físico e o imaginário, como também à separação de espaço e lugar analisada por Giddens.

Podem ocorrer, na EAD, dois tipos de presencialidade: o presencial físico, que se refere ao “lugar real”, e o presencial virtual, que se refere ao “espaço não-real”.

O presencial físico ocorre na dimensão física do tempo, nos aspectos institucional (coletivo), cronológico e individual. Quer dizer, as aulas ocorrem em determinado lugar, – instituição, escola – e em tempos simultâneos, com encontro de vários indivíduos que, biologicamente, estão presentes. Nesse modelo, a interatividade tem condições de ser bem intensiva.

No presencial virtual, de um determinado lugar podem ser visitados outros espaços, assim como outros espaços podem ser trazidos ao lugar por meio de tecnologias como o fax, o telefone, o vídeo, o computador e a videoconferência. Nesse tipo de presencial, os usuários definem individualmente, porém relativamente, a questão do tempo. Têm maior autonomia para decidir em que tempo vão estudar, por exemplo, mas, por outro lado, podem perder na interatividade, uma vez que essa é definida pela institui-

ção que oferece o curso de EAD, pelo ambiente de aprendizagem usado, pelo poder comunicativo do professor e pelo tipo de material, assim como pela organização e apresentação desse material. A autonomia do usuário é relativa, porque deve adequar-se a um calendário previamente definido pela instituição que oferece o curso, como ocorre nas escolas em geral, que se utilizam de aulas presenciais ou não.

3 Materiais em EAD

Marsden (1996, p. 229) sugere que o relevante na EAD não está entre os professores e alunos, mas entre o conteúdo de cursos planejados para estudantes abstratos no mesmo lugar e no mesmo tempo e a experiência de estudantes concretos em espaços e tempos remotos, isto é, entre o tradicional conteúdo de cursos e as necessidades de estudantes que diferem dos estudantes tradicionais. (tradução minha).

A fim de categorizar os materiais de EAD, reporto-me às três etapas de tecnologias da inteligência descritas por Lévy. No nível da “oralidade”, incluo as aulas presenciais, em que o tempo físico é forte nas três dimensões: coletiva, por ocorrer em uma determinada instituição, a escola; cronológica, porque pressupõe momentos comuns, simultâneos, de encontros entre professores e alunos, e individual, porque a presença física do aluno e do professor é essencial. O tempo imaginário tem uma força diferenciada, pois a relação presencial física no tempo e no espaço constrói imaginários comuns, isto é, com alguma isonomia de significados. A inclusão menor de virtualidades, mesmo que o professor faça uso de vídeos e *softwares*, põe o professor como mediador simultâneo do que é visto, analisado, discutido.

No nível da “escrita”, incluem-se os materiais impressos, como livros, mapas, revistas, ou até mesmo o que foi impresso, e também o que é originário do virtual, das redes, por exemplo. A dimensão física pode enfraquecer-se em

relação à oralidade, havendo um novo referencial de oralidade, a secundária. Enquanto isso, a dimensão do imaginário adquire mais força, e o individual é mais solicitado.

Os materiais audiovisuais e telemáticos situam-se no terceiro nível, o “informático-midiático”. Nesses, especialmente as dimensões coletivas e cronológicas do tempo físico se enfraquecem, enquanto a individual adquire maior força, no tempo físico e imaginário, isto é, no biológico e no psicológico.

São os seguintes o tempo e materiais presentes na EAD, disponíveis para uso nas aulas mediadas por computador:

- Oralidade – aulas presenciais reais e presenciais virtuais, rádio, disco, gravador, telefone, TV, vídeo, músicas, versos, danças, cantigas, histórias contadas, *slides*, *clips*, CDs, mapas, cartazes, fitas cassete, filmes e teleaula;
- Escrita – os anteriores e mais: quadro giz, livros, jornais, revistas, transparências, retroprojektor, projetor multimídia, computador, fax, *e-mail* etc. (autonomia do conhecimento e sua legitimação);
- Informático-midiático – anteriores e mais: redes, multimídia, CD-ROMs, teleconferência, videoconferência, realidade virtual, videodisco, *chats*, terceira dimensão, ambientes virtuais e seus dispositivos de comunicação, síncrona e assíncrona.

Essa categorização dos materiais de EAD pode explicar a importância dada pelo aluno à dimensão presencial física nesse tipo de educação, embora a dimensão do espaço seja mais fácil de ser resolvida na EAD, uma vez que a questão do tempo é mais complexa, visto possuir, em seu interior, dimensões e aspectos que interferem no processo educativo.

A inexistência de encontros presenciais físicos³, em grande parte de programas de EAD, relativiza a dimensão física do tempo, apesar de usar materiais que a pressupõem, como impressos e audiovisuais que não dispensam me-

³ Vale informar que a legislação brasileira só exige a presencialidade nas avaliações de cursos na modalidade a distância.

dições de um professor, por exemplo. Connelly e Clandinin (1995) salientam que a relação ensino-aprendizagem necessita de tempo, de relação, de espaço e de voz, para estabelecer relações de colaboração. A voz é o sentido que reside no indivíduo e permite sua participação na comunidade. A voz é ouvida na interatividade pessoa/pessoa. Como bem observa Ferrer (1995, p. 230), “[...] as situações educativas são situações existenciais e não situações técnicas.” Não são situações técnicas, mas podem ser mediadas pelas máquinas.

Na EAD, a dimensão individual do tempo tem controle relativo do usuário, porque depende de quem elabora o material e da instituição que oferece o curso. A instituição, por sua vez, controla a dimensão coletiva. A instituição que oferece o curso de EAD escolhe o ambiente de aprendizagem, tem o controle do tempo da interatividade e determina os meios didáticos, que são os meios de interação na EAD. “Nos sistemas de educação a distância a mediação pedagógica acontece por meio de textos e outros materiais postos à disposição do estudante” (GUTIERREZ; PRIETO, 1994, p. 62). Supõe-se que sejam materiais diferentes, pedagogicamente, dos utilizados no ensino convencional. “Não interessa uma informação em si mesma, mas uma informação mediada pedagogicamente” (GUTIERREZ; PRIETO, 1994, p. 62), presencial ou virtualmente. Alguns ambientes e cursos de EAD usam a figura do tutor como mediador, que pode interagir com o aluno pela presença física em tempo-espaço simultâneos, ou por meio de instrumentos como o telefone, o *fax*, o *e-mail* e o bate-papo. Entretanto, os ambientes virtuais de aprendizagem ampliaram em muito sua capacidade comunicativa, oferecendo a docentes e estudantes dispositivos que aumentam bastante a relação comunicativa entre os participantes dos cursos.

Em termos educacionais, a EAD é um tipo de desencaixe, no sentido proposto por Giddens (1991, p. 29): “[...] deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e suas reestruturações através de extensões indefinidas de tempo e espaço.” Para surtir efeito positivo, ainda segundo

Giddens, o dilatado distanciamento espaço-tempo das instituições desencaixadas depende de outra coordenação, de outra recombinação de espaço-tempo, e se sujeita, por sua vez, a uma recombinação relativa à atividade social do ato educativo, o processo ensino-aprendizagem. O processo ensino-aprendizagem da EAD difere do convencional.

Em relação ao aluno que escolhe fazer um curso a distância, algumas questões são importantes: Estão motivados à auto-aprendizagem? Possuem habilidades de estudo autônomo? A educação a distância é adequada a qualquer geração de alunos? Os jovens conseguem conviver com a distância de grupos de estudo presenciais e possuem disciplina para o estudo individualizado? Estão aptos a gerir seu próprio processo de aprendizagem? Sabemos que, de modo geral, o estudante tanto de EAD quanto de cursos presenciais não tem esse perfil, ainda mais se se acrescenta a isso a marginalidade “social e doméstica” a que a EAD está submetida. Entretanto, pode-se, na atualidade, desenvolver essa competência nos estudantes, uma vez que motivá-los para o estudo continua sendo tarefa do professor.

TIME AND SPACE AND THE DISTANCE EDUCATION

This text presents a reflection about concepts of time and space. It tells about the history of time, its relation with place and space and analyzes physique and imaginary dimensions of time, face to face and on virtual way. The concepts of time are presented by Giddens, Santos, Harvey, Elias Moraes and Tilburg. These conceptions are related with Distance Education that theoretically fulfills on line courses these concepts. The text includes a study of specific aspects of Distance Education and its typical materials. It ends asking if this kind of education can include students of any age, and shows how Distance Education is still depreciated.

KEY WORDS: Distance Education. Space. The time's history.

Referências

ARANHA, M. Lucia de Arruda; MARTINS, M. Helena Pires. *Filosofando*: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 1999.

BRUGGER, Walter. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 4. ed. São Paulo: EPU, 1987 (verbete: tempo).

CONNELY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, Jorge. *Déjame que te cuente*: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, 1995.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Tradução Vera Ribeiro Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d. (verbete: virtual).

FERRER, Virgínia. La crítica como narrativa de las crisis de formación. In: LARROSA, Jorge. *Déjame que te cuente*: ensayos sobre narrativa y formación. Barcelona: Laertes, 1995.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução Raul Fiker.

2. reimpressão. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GUTIERREZ, Francisco; PRIETO, Daniel. *A mediação pedagógica*: educação a distância alternativa. Tradução Edilberto M. Sena e Carlos Eduardo Cortés. Campinas: Papirus, 1994.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1999

MARSDEN, Richard. Time, space and distance education. *Distance Education*. v. 17, n. 2, 1996.

MORAES, Dênis de. (Org.). *Globalização, mídia e cultura contemporânea*. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

MORAN, José Manuel. *Mudanças na comunicação pessoal*: gerenciamento integrado da

comunicação pessoal, social e tecnológica. São Paulo: Paulinas, 1998.

SANTOS, Milton. *Técnica espaço tempo* - Globalização e meio técnico-científico informacional. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOVERAL, Eduardo Silvério Abranches de. Sobre a pedagogia para a era tecnológica. *Revista Ensaio: avaliação políticas públicas, Educação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 22, p. 5-22, jan./mar. 1999.

THILBURG, João Luis van. Telespectador e a relação tempo-espaço: uma questão epistemológica. In: BRAGA, José Luiz et al. (Org.). *A encenação dos sentidos: mídia, cultura e política*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

Recebido em 30 maio 2008 / aprovado em 16 jun. 2008.

Para referenciar este texto

TOSCHI, M. S. O tempo e o espaço e a educação a distância. *EccoS*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 23-38, jan./jun. 2008.